

INTERVENÇÃO DE LUIS MOITA – SESSÃO DE ABERTURA

Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian
Senhor Reitor da Universidade
Senhor Presidente da Direcção da CEU

Senhores Embaixadores, Reitores, Generais e outros oficiais,
Caros colegas professores, caros Estudantes
Senhoras e Senhores Congressistas

Este Congresso parte de uma oportunidade: o centenário do início das hostilidades da I Guerra Mundial. Tem um tempo de observação: os 100 anos que vão de 1914 a 2014, um século de violência excepcional e de profundas transformações da paisagem política. Tem um tema dominante: as metamorfoses da violência e as respectivas implicações nas nossas concepções, na arquitectura do sistema internacional e nos dispositivos de segurança. A estrutura dos trabalhos é simples: 4 sessões plenárias e 12 painéis temáticos.

Quem aqui se reúne são cientistas sociais na esfera do internacional. Fazer ciência sobre a sociedade é já de si algo de difícil: as condutas dos grupos humanos, tendo sem dúvida algumas constantes, são em regra demasiado imprevisíveis. Com maioria de razão, a especial complexidade do sistema internacional faz crescer a dificuldade da análise e, mais ainda, da previsão. A nossa responsabilidade é a de melhorarmos incessantemente a capacidade de observação da realidade, dotando-nos de instrumentos intelectuais tanto teóricos como empíricos, para melhor compreendermos os processos colectivos e, sempre que possível, neles intervirmos num sentido humanizante.

Tanto mais quanto as guerras do século XX deixaram atrás de si um rasto, como um campo de minas que perduram soterradas por décadas e décadas, como uma ameaça insidiosa num território que se deve atravessar com cautela ou precaução. É certo que já não se fazem monumentos ao soldado desconhecido e que se travam guerras com o objectivo de “zero baixas”, mas nem por isso é dispensável o alimento da cultura da paz, a começar pelo processo de desminagem mental e pela convicção de que o melhor antídoto para a violência é a correcção das distorções do relacionamento entre os povos.

A circunstância de aqui nos juntarmos só foi possível graças ao apoio e à colaboração de grande número de intervenientes. Começando pelos presentes na mesa, temos de agradecer a permanente disponibilidade e

as especiais facilidades asseguradas pela Fundação Calouste Gulbenkian. Na pessoa do seu Presidente do Conselho de Administração, Dr. Artur Santos Silva, manifestamos esse reconhecimento por nos honrar com a sua presença e as suas sábias palavras. Ao Senhor Reitor da UAL, Professor José Amado da Silva, agradecemos a atenção e o apoio quotidiano às nossas iniciativas e o sentido de exigência que imprime às nossas práticas. Na pessoa do Dr. Lencastre Bernardo, Presidente da Direcção, reconhecemos a solidariedade insubstituível da Cooperativa de Ensino Universitário no seu papel de sustentação jurídica e gestão administrativa da nossa Universidade.

Um reconhecimento é devido às entidades que apoiaram financeiramente a realização do Congresso: antes de mais à Fundação para a Ciência e a Tecnologia, a agência oficial portuguesa para o financiamento da investigação científica; também a outras duas Fundações: a Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação Millennium BCP; por fim a uma empresa, a SOTECMA, e uma outra instituição financeira, o BANIF.

O Congresso, sendo um evento científico, é feito do encontro de pessoas, da interacção entre elas, dos fluxos de conhecimento que se estabelecem, da partilha de resultados de investigações, do confronto de ideias, da busca colectiva de novos horizontes para o pensamento. Daí a saudação muito especial a todos os congressistas que responderam à convocatória da unidade de investigação OBSERVARE. A todos eles, presidentes de mesas, conferencistas das sessões plenárias (alguns deles vindos de longe, dos Estados Unidos, da Suécia, da Bélgica, da Inglaterra, da França), autores de comunicações científicas (em número de 62), participantes em geral, civis e militares, académicos e especialistas, estudantes dos vários ciclos, a incansável comissão organizadora, todos os que trabalharam na preparação e que trabalham na execução, os intérpretes da tradução simultânea e os jornalistas que dão eco mediático a este evento, a todos eles uma palavra de admiração e agradecimento.

Temos de destacar as colaborações institucionais que tanto vão enriquecer estas jornadas científicas. Antes de mais, as parcerias com instituições estrangeiras: duas Universidades da Europa do Sul – a Sapienza da Itália e a METU da Turquia (sabemos que Ancara na Anatólia já é Ásia, mas falamos intencionalmente de uma Turquia europeia...); com pena nossa, o acordo com a Universidade Complutense de Madrid foi inviabilizado à última hora por encargos académicos dos nossos colegas espanhóis; bem como o NOREF de Oslo e o Clingendael Institute dos Países Baixos. Quanto às instituições portuguesas que se associaram ao Congresso, referimos, por ordem alfabética, as seguintes, com quem temos continuadas e proveitosas relações de trabalho conjunto: o Centro

de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, o Instituto da Defesa Nacional, o Instituto de Estudos Superiores Militares, o Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa, o Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade do Minho; e da UAL, o centro RATIO LEGIS e o Departamento de Economia e Gestão.

Uma referência especial deve ser feita à OIT – Organização Internacional do Trabalho – que enviou expressamente, de Génève, uma representante, a qual apresentará uma comunicação no painel sobre “Economias de guerra e relações de trabalho”. De igual modo, dirigir uma saudação ao Instituto Diplomático de Portugal, aqui representado, e à Universidade Federal de Santa Maria de Rio Grande do Sul, de onde veio uma equipa de trabalho.

Esta multiforme participação confirma a diversidade de escolas de pensamento, a pluridisciplinaridade e a vitalidade das nossas comunidades científicas, de cujo cruzamento fecundo, como de uma espécie de biodiversidade, podemos esperar os melhores resultados. A isso se deve somar a presença significativa de alunos Erasmus e de colegas e estudantes vindos de Angola e do Brasil – seria bom que essas presenças nos ajudassem a superar o carácter excessivamente etnocêntrico e eurocêntrico dos estudos de Relações Internacionais.

Chamo a atenção para o material de apoio que está à vossa disposição: o Guia do Congresso (belamente ilustrado com reproduções de quadros da pintora Graça Morais), o Livro de Resumos das comunicações, bem como, acabado de imprimir, o nosso anuário JANUS 2014, com bastantes conteúdos referentes aos temas que nos ocupam. De futuro, as suas páginas estão abertas às vossas colaborações, assim como as páginas da nossa revista científica JANUS.NET, *e-journal of International Relations*, para já não falar dos programas de investigação do OBSERVARE.

As perguntas que deveremos fazer no final dos nossos trabalhos são estas: usámos de modo criativo e crítico a nossa liberdade de pensamento? Aproveitámos as sinergias das várias comunidades científicas que aqui se juntaram? Tirámos partido da internacionalização dos participantes, ultrapassando as fronteiras da nossa reflexão? Contribuímos colectivamente para uma melhor compreensão dos processos internacionais? Avançámos em direcção ao objectivo da abolição da violência no relacionamento entre as nações?

Se respondermos afirmativamente a todas estas questões é sinal de que terá valido a pena.